

# Um clássico que se recusa a envelhecer



Casa da Música, no Porto, acolhe até domingo a tetralogia de Wagner

SERGIO ALMEIDA  
sergio@jn.pt

A imortal tetralogia que Richard Wagner compôs há quase um século e meio chega hoje à Casa da Música (CdM). Até domingo, as quatro óperas de "O anel de Nibelungo" transformam a sala portuense num autêntico festival cénico.

Em palco, não faltam as mesmas lutas heróicas e paixões revoltas que desde 1876 encantam plateias de todo o Mundo. Mas entre a versão original que Wagner demorou 26 anos a compor e a adaptação feita em 1990 pelos britânicos Jonathan Dove e Graham Vick, a que o público portuense vai poder assistir, subsistem várias diferenças.

a 18 instrumentistas. Apesar das especificidades da presente adaptação, o fascínio e encantamento suscitados mantêm-se intactos, crê Antoine Gindt, responsável pela encenação, para quem "a música, quando é bem feita, resiste a diferentes versões".

Esse pressuposto está mais do que assegurado, porquanto Gindt se manifesta "deslumbrado" com a qualidade evidenciada pelo Remix. "Já conhecia o trabalho deste agrupamento, mas não esperava tamanha evolução", diz.

A versão miniatura da tetralogia que a Casa da Música recebe em estreia mundial - segue-se, até final do ano, uma digressão europeia que inclui mais oito datas -

os cantores. Ao evitarem uma orquestra gigantesca, conseguem concentrar-se no drama e na intimidade das cenas, projectando a voz de uma forma mais natural".

Se os cantores vêm a missão facilitada, para os instrumentistas é o oposto. "Em vez dos 14 violinos existentes na orquestra, aqui há apenas dois. Mas esses têm que soar como muitos", contrapõe Antoine Gindt.

## Uma ópera vezes quatro

Os desafios que a produção enfrentou para concretizar uma "ópera que na prática são quatro", segundo o director da CdM, só foram ultrapassados "com o recurso a uma imaginação fervilhante". É no dispositivo cénico

confrontam com dilemas morais e lutas ferozes pelo poder que tudo se desenrola.

"É uma concepção sofisticada, mas simples, que permite, além do mais, uma direcção de actores muito intensa", conclui António Jorge Pacheco, que não hesita em considerar "Ring Saga" o projecto de uma vida. "É uma obra de arte total", garante.

A maratona operática inicia-se hoje às 21 horas com "O ouro do Reno", prossegue já amanhã com "A valquíria" (15 horas) e "Siegfried" (21 horas) e encerra no domingo com "O crepúsculo dos deuses" (18 horas).